



A Formação de Ecossistemas Comunicativos na Perspectiva da Educomunicação: Um Estudo Etnometodológico Comparativo Entre Natal (RN) e São Paulo (SP)¹

Adriano Lopes GOMES²
Mirian Moema Filgueira PINHEIRO³
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este trabalho é resultado de pesquisa que procurou estabelecer interfaces de conhecimentos e práticas no âmbito da Educomunicação a partir de olhares sobre projetos em andamento em duas realidades distintas: Natal (RN) e São Paulo (SP). A pesquisa apresentou resultados relevantes aos estudos da Educação e da Comunicação, notadamente na construção da cidadania por meio da democratização de vozes e compartilhamento de saberes.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; cidadania; etnometodologia; rádio escolar.

1.Introdução

Não se distancia muito o tempo em que Comunicação e Educação eram áreas distintas do conhecimento, cada uma com seus arcabouços teóricos e de bases solidificadas pelos princípios epistemológicos que as regem. Porém, com a Educomunicação, ainda considerada como uma área recente de intervenção social, inaugura-se um novo campo transdisciplinar no qual saberes e métodos se fundem numa perspectiva de convergência de ciências. Conhecer-la e aplicá-la no cotidiano escolar têm sido a tarefa de inúmeras instituições que a adotam, reconfigurando, assim, o cenário da educação brasileira. A Educomunicação é, hoje, amplamente utilizada nos círculos educacionais, inclusive com cursos de licenciatura e de pós-graduação já consolidados pelo país, bem como bases de pesquisa implementadas com projetos em andamento. O domínio da Educomunicação não se limita a promover políticas públicas voltadas para a utilização dos meios de comunicação. Mais que isso, Educomunicação

¹ Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 02 a 04 de julho de 2015, Natal-RN.

² Doutor, professor do curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Doutora, professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



pressupõe uma ação democrática de saberes, em intercâmbios que favoreçam a aquisição de uma nova perspectiva da realidade social: mais politizada, mais justa, mais ética. Porém, não é um espaço dado. Na esfera da escola, necessita ser construída coletivamente. Para tanto, e antes disso, precisa ser compreendida em suas bases e nuances, por todos os sujeitos que integram a comunidade escolar. É, por assim dizer, uma nova ordem de acontecimento educativo. De igual modo, não surgiu da noite para o dia. Os olhares de Freinet, Paulo Freire e Mário Kaplún, só para citar alguns autores, foram relevantes à inauguração desse novo momento.

Não obstante os projetos, propostas e alternativas para desfazer o quadro de elevados índices de evasão e repetência no país, a educação brasileira ainda apresenta um quadro de fracasso escolar, resultado de inúmeros fatores tais como: a necessidade prematura dos alunos do ensino médio de se inserirem no mercado de trabalho, falta de estímulo e envolvimento com problemas sociais de vulnerabilidade, além de práticas pedagógicas que se apresentam pouco desafiadoras e atrativas do ponto de vista da inserção dos alunos no âmbito da aquisição do conhecimento. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, órgão do Ministério da Educação e Cultura, a taxa de reprovação em 2007 chegou a 12,7% e a de abandono escolar, 13,2%. Tal realidade nos credencia a afirmar que ainda é angustiante perceber a disparidade entre a escola que temos e a escola que queremos.

Ademais, não podemos ignorar que vivemos na sociedade contemporânea em que as novas tecnologias da comunicação exigem outros conhecimentos. Os jovens, de modo geral, são sensíveis a este cenário e apresentam-se como protagonistas de um mundo saturado por imagens, sons e textos que se complementam numa intertextualidade baseada na interlocução. Descortina-se um panorama novo que requer uma educação motivadora, participativa, que seja capaz de ganhar força à medida que possibilite ao educando o domínio de várias formas de linguagem para que possa transformar o meio em que vive, familiarizar-se com técnicas, instrumentos e interagir com os meios de comunicação. Para tanto, será necessário desenvolver habilidades de criar textos e intertextos e refletir sobre sua realidade. Assim, é importante que estejamos sintonizados com essa emergente área de conhecimento que opera a intervenção em espaços educativos e visa, sobretudo, a produção coletiva de comunicação devolvendo aos atores sociais o direito humano de se expressarem sobre os temas diversos.



2. Metodologia

A Etnometodologia constitui-se no estudo das atividades cotidianas dos membros de uma sociedade em torno das quais os atores sociais raciocinam, comunicam-se, tomam decisões (COULON, 1995a, p.30). É por esta razão que os sujeitos pertencentes a uma instituição formulam ideias sobre seus procedimentos, refletem em cima de seus relacionamentos e atribuem significados às suas ações até chegarem à compreensão do mundo e de si mesmos. Com estas considerações, desfaz-se a ideia da “idiotice cultural” atribuída aos atores sociais (COULON, 1995a, p.53), uma vez que são capazes de descrever e interpretar seus próprios métodos de ação interpessoal.

A filiação do membro a um determinado grupo depende essencialmente de fatores da linguagem, sendo esta o elemento que particulariza os códigos e significados da instituição dos membros a ela filiados (COULON, 1995a, p.32). E não poderia ser de outra forma, dado que a vida social se constrói por interações em cujo eixo localiza-se a linguagem como fator determinante para as relações entre seus membros, no sentido de permutar conhecimentos, informações e manter a ordem social e cultural.

Nossa pesquisa parte do cotidiano escolar. A escola é aqui considerada como um espaço de organização social onde se reúnem os membros de um grupo de alunos, professores e gestores pedagógicos que, rotineiramente, interagem entre si para se comunicar, socializar experiências, partilhar vivências e adquirir informações. É, portanto, uma comunidade de atores sociais, cada um com suas crenças, valores e ideologias que devem ser administrados por eles mesmos nas inter-relações da discursividade. E nessas comunidades (em Natal-RN e São Paulo-SP) há procedimentos cotidianos com finalidades convergentes no sentido de formarem ecossistemas comunicativos. Desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, a partir de observações, entrevistas com os atores sociais envolvidos e afetados com e pelos projetos de Educomunicação, além de registros fotográficos. Ato contínuo, analisamos os referentes condicionados a esta pesquisa, por meio da descrição dos ecossistemas e dos registros aqui mencionados.

Partindo do pressuposto educ comunicativo de que as práticas de Educomunicação requisitam a participação efetiva de toda a comunidade escolar, a interação entre uns e outros, nesse caso, será absolutamente favorável para se permutar ideias e ações sobre as quais formar-se-á a tessitura de significados partilhados pela



comunidade que comunga um mesmo propósito. Convém delimitar o termo “interação”, entendido como toda ação conjunta de construção cooperativa de significações, colocando-se em presença dois ou mais atores (VION, 1992). Portanto, os elementos de interação e mediação também foram observados. De posse dos dados, procedemos as análises.

3. Caminhos da pesquisa: os contextos da intervenção

Em Natal (RN), a Educomunicação ainda é tímida, embora se reconheça a pertinência dos seus princípios filosóficos, teóricos e práticos na ambiência dos processos educativos, notadamente por parte de professores e alunos. Afirmamos isso com base no projeto de pesquisa, em andamento, que tem como título: “A Educomunicação no espaço escolar: contribuições para uma pedagogia das mídias”, que desde 2012 tem promovido encontros, oficinas, conferências na Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcanti, aqui denominada escola-piloto, buscando reunir toda a comunidade escolar para se inserir na proposta de implantação e funcionamento de uma Rádio Escolar. O projeto é desenvolvido pelo nosso grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia – COMÍDIA -, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil), em sua linha estruturante Epistemologia da Educomunicação. Ainda em 2012, a Rádio FIC ligado! entrou no ar, contudo de forma assistemática e mais com finalidade informativa sobre eventos internos e de entretenimento, através de músicas.

A partir dessa constatação, decidimos fazer uma intervenção naquela realidade. A escola-piloto foi selecionada com base em critérios: deveria ser pública, possuir ensino médio, apresentar infra-estrutura de Rádio Escolar e o grupo ser acolhido com aquiescência para a pesquisa. Assim, mantivemos contato com a direção daquela escola que nos recebeu prontamente para a realização das atividades.

Após sessões de estudos teóricos sobre Educomunicação e suas práticas, no ambiente interno, o grupo planejou a intervenção e deu início a uma série de 8 oficinas/encontros referentes ao Módulo 1: A Educomunicação e o Rádio Escolar.

O projeto começou a ser desenvolvido no segundo semestre de 2012, destacando o Rádio como a mídia educacional. Ao todo, foram abertas 35 vagas para os três turnos. Entramos em contato com a coordenadora pedagógica da Escola, cuja recepção ao projeto foi favorável. A partir desse encontro, outros se sucederam para implementarmos a proposta. Tínhamos a intenção inicial de sensibilizar a



comunidade escolar daquela escola no sentido da relevância da Educomunicação, da elaboração e da autonomia dos projetos, iniciando-se pelo Rádio, uma vez que, segundo a coordenadora, outras tentativas nessa área já haviam sido experimentadas sem sucesso. Justificou a pertinência da mídia radiofônica em função do aparato técnico na Escola, adquirido pelo programa Mais Educação, do Governo Federal. Elaboramos um questionário e aplicamos às categorias de professores e de alunos o qual abordava questões sobre as bases conceituais da Educomunicação bem como sobre a pertinência de se implantar uma rádio escolar.

No tocante à primeira abordagem, poucos conheciam ou já haviam ouvido falar sobre Educomunicação. Em relação à segunda, todos disseram querer a implantação da rádio escolar, mesmo porque ela já existia, porém sem estar funcionando. Ato contínuo, nós elaboramos um calendário de intervenção na realidade da escola, com a realização dos encontros, tanto de natureza teórica quanto prática. O curso ocorreu de 26 de setembro a 28 de novembro de 2012.

Após a realização dos encontros, a comunidade escolar ficou de mobilizar novos sujeitos para colocarem a rádio FIC Ligado! no ar. Quanto à nossa mediação, ficamos apenas de continuar observando a ação deles sem, contudo, tomarmos nenhuma iniciativa nesse sentido. A Rádio está para iniciar suas atividades.

Já em São Paulo (SP), a Educomunicação se apresenta como expoente, tanto nas reflexões epistemológicas, com destaque para o Núcleo de Comunicação e Educação da USP, quanto nos projetos extensionistas desenvolvidos pela mesma instituição, tais como: Educom.rádio, curso de extensão oferecido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP em parceria com a Prefeitura de São Paulo, formando 11 mil professores e alunos de 455 escolas da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, entre 2001 e 2004 e Educom.TV, caracterizado como um projeto a distância, desenvolvido em 2002, atingindo 2.240 professores de 1.024 escolas do Estado de São Paulo. O curso é voltado para o uso da linguagem audiovisual na educação, tendo sido desenvolvido pelo NCE-USP em parceria com o MEC e a Secretaria de Educação do Estado. O programa também propõe trabalhar com a Educomunicação para melhorar a comunicação e a integração nas escolas do município de São Paulo, promovendo a cultura de paz em unidades localizadas nas regiões com índice de violência alto.



Para o trabalho de observação de campo, acompanhamos as atividades de 12 jovens que desenvolveram atividades educacionais por ocasião do V Encontro Brasileiro de Educomunicação⁴.

4. Resultados da Pesquisa

Como já explicitado, a ideia da pesquisa foi averiguar os protocolos imbricados na formação de ecossistemas comunicativos em contexto educacional relacionando-se duas comunidades escolares para identificar a singularidade que ambas apresentam no tocante aos procedimentos educacionais em suas referidas equipes. Em São Paulo, pudemos observar o trabalho de jovens educadores da FUNDHAS. Passamos, então, a fazer uma reflexão sobre os avanços do movimento da Educomunicação em São Paulo (SP), sem descartar a mesma natureza comparativa com a realidade de Natal (RN). O cenário nos chamou bastante a atenção. Jovens trabalhando de modo incansável e com uma satisfação visível em seus rostos em pleno final de semana? Isso nos apontou, como indício, o quanto as atividades estão num ritmo já avançado, considerando-se o envolvimento desses sujeitos para chegarem a uma ação, propondo uma transformação social. Esse é um dos fundamentos da prática educacional. Claro, de igual modo, vimos que as atividades não eram desenvolvidas por eles sem um mediador, para facilitar o processo.

Nas nossas reflexões, imaginamos que, para se chegar a uma situação como essa, é necessário um longo processo, cujos resultados não ocorrem em breve tempo. Ao nos depararmos com aquelas cenas dos jovens em ação, cogitamos as demandas de esforços contínuos para se instaurar uma prática educacional, a partir da qual formam-se ecossistemas comunicativos. Sendo assim, se formos desenhá-lo em um diagrama, defendemos que tal processo acontece da seguinte forma:

⁴ Realizado de 19 a 21 de setembro de 2013, na cidade de São Paulo (SP)

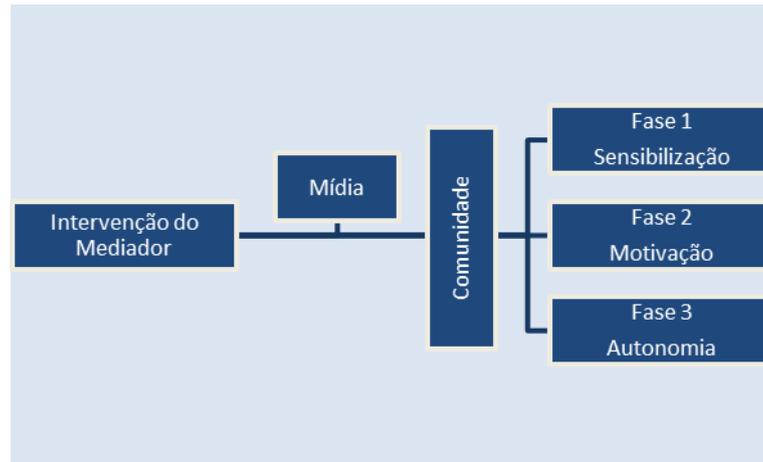


Diagrama 1 – Formação de Ecossistemas comunicativos (Fonte autoral)

A intervenção, portanto, é resultado da ação do mediador que interfere na realidade estabelecida para daí promover uma reconfiguração do cenário social. Que mediador é esse sobre o qual estamos falando, capaz de gerar um *input* na formação de Ecossistema Comunicativo?

A mediação, aqui em evidência, pressupõe a interação de indivíduos com o ambiente social de onde afetam e, ao mesmo tempo, recebem a interferência de outras pessoas na construção do conhecimento partilhado. No nosso caso, é o Educomunicador (ou profissional de referência) que vai gerar estímulos positivos, sensibilizar os jovens, disponibilizando-lhes as ferramentas necessárias para o êxito no empreendimento. Para Vigotsky (1998a, 1998b), a aprendizagem e o desenvolvimento são processos que se influenciam reciprocamente, porém não ocorre em indivíduos isolados da esfera social. Resulta daí o entendimento de que o sujeito se desenvolve quando aprende; e aprende no momento em que elabora e internaliza conceitos, de cuja situação organiza-se o conhecimento.

É nesse contexto que reside o papel do Educomunicador como mediador na formação de ecossistemas comunicativos, possibilitando ao aluno a aquisição de múltiplas áreas do conhecimento humano. Conhecer significa descobrir, desvelar sentidos, dominar informações a partir de estruturas incorporadas ao saber do indivíduo capazes de serem recuperadas quando necessário. Como tal, é algo que não se esgota. Amplia a cada momento em que se questiona e se descobre nova ordem de coisas e acontecimentos, internalizando-as por meio das informações que subjazem ao ato de desvendar. Concordamos com Coll e Edwards (1998) quando, embasados na teoria de Vigotsky, afirmam que



O aluno é o responsável final pela sua aprendizagem ao atribuir significado aos conteúdos, mas é o professor quem, com a sua intervenção, determina que as atividades das quais o aluno participa possibilitem uma orientação adequada no processo de construção, assim como um maior ou menor grau de amplitude e profundidade dos significados construídos (COLL E EDWARDS, 1998, p.78).

Sabemos que o signo é algo que representa a realidade por referir-se alguma coisa para alguém. E o universo do signo é tão abrangente quanto a linguagem que o expressa. Devemos estar atentos aos sinais que a natureza dos fenômenos nos apresenta. Em um trabalho de pesquisa como o nosso, e ainda recorrendo aos pressupostos teóricos da Etnometodologia, não poderíamos desconsiderar a intervenção das inúmeras formas da linguagem para se entender melhor o processo em estudo.

Em Natal (RN), observamos as atividades do curso de formação de Educomunicadores e identificamos os gestos de linguagem daquela comunidade, cuja impressão pareceu-nos indicar envolvimento, engajamento, atenção, situação essa que pode ser traduzida por vontade de fazer. Já em São Paulo (SP), os gestos de linguagem foram revelados por uma mobilização maior, uma vez que aqueles jovens estavam em situação diferente. Já haviam superado a fase inicial de sensibilização e, naquele instante, estavam motivados em uma ação mediada, a partir de uma intervenção do profissional Educomunicador de referência e mais experiente. Convém aqui destacar as fases sobre as quais estamos defendendo:

4.1.Fase 1 - Sensibilização

Esta fase dá início ao processo de formação do Ecosistema. Vamos aqui adotar a intervenção como a ação de interferir, mediar, propor uma mudança nos rumos de uma situação. A intervenção consiste em sensibilizar que, por sua vez, implica em impressionar, envolver, gerar interesses e promover estímulos positivos junto aos atores sociais que integram a comunidade escolar. É na interação entre o mediador e os sujeitos-alvo da intervenção que, no primeiro momento, deverá haver um envolvimento no sentido de torná-los receptivos aos projetos de Educomunicação, de tal maneira que se promova uma empatia entre as partes envolvidas na atividade. Os psicólogos chamam de empatia “à capacidade de projetar-nos dentro das personalidades de outras pessoas” (BERLO, 1991, p. 120). Para tanto, o mediador manifestará atitudes favoráveis com o intuito de modificar o ambiente da escola e o desejo dos sujeitos em colaborar,



participar, agir, cujo procedimento será indício de uma atividade significativa, agradável e prazerosa.

Assim, essa fase é marcada por expectativas crescentes através das quais o mediador deve catalisar a atenção e o interesse dos sujeitos, adotando medidas que suscitem o gosto pela atividade proposta, através da qual o Educomunicador estará contribuindo para uma “pedagogia da alegria”. Snyders (1993) já havia proposto uma “pedagogia da alegria” no espaço da escola a partir de textos literários, defendendo que a literatura desenvolve o gosto pela leitura e promove nos alunos o prazer de aprender. Diz ele: “educar é ir em direção à alegria” (p. 36), justificando que o aluno e o jovem passam grande parte de suas vidas na escola, motivo pelo qual eles devem sentir satisfação tanto dentro quanto fora dela. Pelo exposto, é oportuno refletir sobre o compromisso dos professores, supervisores, coordenadores, diretores, funcionários da escola, face ao exercício de sua profissão, prezando, segundo o bom senso, pelo contentamento, pelo bom nível de integração com os alunos e pelo prazer de ensinar, jamais e tão somente pelos encargos contratuais e cumprimento de deveres formais. Admitimos que, ao se envolverem com os projetos de Educomunicação, os alunos, de modo bem particular, encontrarão prazer em estar no espaço da escola e aprenderão as diversas ciências que compõem o currículo escolar, contempladas nos Planos Curriculares Nacionais – PCN.

4.2.Fase 2 - Motivação

A fase de motivação pressupõe um estágio diferenciado do anterior. Os jovens já foram sensibilizados, compreendem a relevância da prática educomunicativa e desejam agir. Tal é o sentido de estar motivado, ou seja, mobilizar sentidos para se atingir objetivos. Entendemos que, nessa fase, os jovens querem participar, adquirir outras vivências por meio da comunicação. Ora, na sociedade contemporânea em que as novas tecnologias da comunicação exigem outros conhecimentos, os jovens, de modo geral, apresentam-se como protagonistas de um mundo reconfigurado por imagens, sons e textos que se complementam numa intertextualidade baseada na interlocução. A motivação só é possível quando as condições são favoráveis. Afinal, é preciso encontrar motivos para estabelecer planos e enveredar-se por situações que façam sentido. Sendo assim, durante o V Encontro Brasileiro de Educomunicação presenciamos a motivação daqueles 12 jovens do programa Educom.FUNDHAS, mantido pelo CREEA (Centro de Referência em Educomunicação e Educação Ambiental), da Fundação Hélio Augusto



de Souza, de São José dos Campos (SP). Acompanhado por dois profissionais de referência, eles cumpriram tarefas de repórteres, cinegrafistas e fotógrafos para realizar uma documentação visual das mesas-redondas, painéis e relatos de experiências⁵.

4.3. Fase 3 – Autonomia

A autonomia implica necessariamente atingir um dos objetivos centrais da Educomunicação: a formação de ecossistemas comunicativos. Esta fase reflete na mudança de comportamento da comunidade. Admitimos que, ao chegarem a essa fase, os sujeitos que, de início, foram afetados por uma sensibilização, passam a ser agentes e protagonistas de uma transformação social. Por esse motivo, eles mesmos já alcançarão o nível de mediadores. Autonomia implica uma coparticipação nos atos sociais, nas deliberações de natureza política, na cogestão das práticas que se insinuam no universo da sociedade. Com outras palavras, promove nos sujeitos *atitudes responsivas ativas*, no dizer da Bakhtin (1992). Para o autor,

O ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 1992, p.290).

Portanto, autonomia significa enxergar o mundo sob outro olhar, “ler” a realidade com horizontes largos e de forma consciente. É por isso que entendemos a autonomia como objeto-fim de todo ecossistema comunicativo, sua inter-relação entre os sujeitos e o meio ambiente que os cerca. É como diz SOARES (2006):

Sujeito autônomo não faz o que o mestre mandou, mas entende que o que precisa ser feito só tem sentido se decorrer de uma ação compartilhada, ou seja, se a ação for apresentada, discutida e, então, decidida coletivamente. Também não busca o lugar de quem diz faz o que eu mando e guarda o que você sabe, porque ele sabe que não sabe mais e nem que é superior a ninguém, assim como sabe que não sabe menos e que nem é

⁵ Texto completo e fotos disponíveis em <http://www.abpeducom.org.br/2013/09/adolescentes-da-fundhas-produzem-album.html>. Acesso em 05/02/2014



inferior a ninguém⁶.

Por tudo exposto, e nessa perspectiva, é que postulamos a formação de Ecosistema Comunicativo como um processo que decorre da sistematização de etapas, atemporais, organizadas e planejadas, com determinada finalidade. Na escola, a integração entre os pares deve ser o elemento que promove a participação coletiva entre alunos e professores, no trabalho que precisa aliar ética e compromisso.

5. A formação de ecossistemas comunicativos: à guisa de considerações finais

O conceito de Ecosistemas vem da Biologia e designa a relação de trocas entre seres e organismos, nos quais afetamos e somos afetados numa espécie de interdependência. Para fins do presente estudo, adotamos os conceitos básicos e epistemológicos da Educomunicação os quais se caracterizam por criar “ecossistemas comunicativos em espaços educativos”, qualificados como abertos e criativos, conformando as denominadas “áreas de intervenção” (SOARES, 2011, p.43), articulando duas áreas. Segundo Soares (2011), “a primeira está ligada à noção de unidade da natureza advinda do holismo e a segunda vincula-se à noção de sistema atribuindo um novo sentido ao conceito” (p. 43). O autor ainda afirma: “estabelecemos como sendo algo a ser construído, no horizonte do devir: um sistema complexo, dinâmico e aberto, conformado como um espaço de convivência e de ação comunicativa integrada” (*ibidem*). Salienta Soares (2011) que sua concepção aproxima-se mais da imagem propiciada pela ecologia, pois, assim como “no meio geofísico-biológico também no meio social existem sistemas áridos, fechados de interconexões, tanto quanto sistemas ricos e intensos de expressão vital” (2011, p. 44) de igual modo o é um ecossistema comunicativo. Já as áreas de intervenção, de acordo com Soares, “são as ações mediante as quais, ou a partir das quais, os sujeitos sociais passam a refletir sobre suas relações no âmbito da educação” (SOARES, 2011, p. 47). A primeira dessas áreas, a mais antiga e fundante, é a educação para a mídia. Seguem outras como: a mediação tecnológica nos espaços educativos; a pedagogia da comunicação; a gestão da comunicação no ambiente escolar e a reflexão

⁶ SOARES, Donizete. **Educomunicação – o que é isto?** Disponível em http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf. Acesso em 07 de março de 2014.



epistemológica sobre a prática em questão. Em outras palavras, Soares (*ibidem*) afirma que as áreas de intervenção do campo da Educomunicação são, sobretudo, “pontes” lançadas entre os sujeitos sociais e o mundo da mídia, da escola e do terceiro setor. Em qualquer um desses casos, a intervenção significa o novo. Assim sendo, compreendemos que a Educomunicação atinge um espectro maior, abrangendo conceitos como dialogicidade, democracia, expressão comunicativa, gestão compartilhada da informação. Surge como um campo de conhecimentos que ganha relevância dada à condição que apresenta de enfrentar o novo *modus comunicandi*, suficientemente adequado para uma revisão do sentido da ação comunicativa presente no ato educativo (SOARES, 2011).

Por outro lado, temos clareza sobre o universo epistêmico da Educomunicação por ser uma área que incide sobre diversas formas de interface entre a Educação e a Comunicação. Conforme assinala Baccega (2011, p.32), “comunicação/educação inclui, mas não se resume a educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc”. E conclui a autora (*ibidem*): “Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado”.

O Ecosistema, aqui em tela, está organizado no plano da horizontalidade, onde as partes negociam o conhecimento, em direção de uma direção democrática, colaborativa, compartilhada, ou seja, uma cogestão. Tal sentido também incide sobre as práticas de comunicação, uma vez que comunicar, etimologicamente falando, significa comungar, permutar papéis, pôr em ação os turnos de fala que se alternam. Quando há um “desequilíbrio” nessa ordem de Ecosistema, o plano passa para a verticalidade no qual instauram-se as relações de poder e reduz-se a margem do diálogo.

Por fim, entendemos que a formação do Ecosistema Comunicativo perpassa pelas etapas aqui elencadas: sensibilização, motivação e autonomia. Essa última, como parte da consolidação de um processo complexo, que integra diversas áreas, não apenas Educação, Comunicação, mas, de igual modo, Sociologia, Psicologia e Filosofia. Isso nos foi possível perceber através da comparação entre as duas realidades. Em Natal (RN), os alunos foram sensibilizados e caminham para colocar no ar a Rádio Escolar. Em São Paulo (SP), os alunos estão motivados e apresentam indícios de autonomia na complexidade que equaciona a formação de ecossistemas comunicativos.



Referências Bibliográficas

- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In.: CITELLI, Adilson Odair, COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- COLL, César, EDWARDS, Derek (org.). **Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional**. Tradução por Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**. Tradução por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (Coleção ensino superior). p. 279-325.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. Tradução por Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 1985.
- COULON, Alain. **Etnometodologia**. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995a.
- _____. **Etnometodologia e educação**. Tradução por Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- FREIRE, P. **Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade em educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para reforma no ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- _____. “Educomunicación: comunicación y tecnologías de la información en la reforma se la enseñanza americana”, in Diálogos de FELAFACS, Lima, Peru, octubre 2000, No. 59-60, p. 137-152.
- SNYDERS, George. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Tradução por Cátia Ainda Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993.
- VYGOTSKY, Lev Semenovicht. **Pensamento e linguagem**. Tradução por Jefferson Luiz Camargo. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. (Psicologia e Pedagogia).
- _____. **Formação social da mente**. Tradução por José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b. (Psicologia e Pedagogia).
- VION, Robert. **La communication verbale: analyse des interactions**. Paris: Hachette, 1992.